

# A DECISÃO

RAUL PILLA

Reclama o sr. Austregésilo de Athayde uma consulta popular antes da adoção da reforma parlamentarista. Demonstrei que tal consulta já se realizou, embora dela possa não ter tomado conhecimento o imortal perdido nas alturas do Olimpo: quando se realizaram as últimas eleições legislativas, achava-se formalmente proposta a emenda parlamentarista e tinha chegado até a receber pareceres. Que fez o eleitorado? Mandou à Câmara uma grande maioria reformista.

Deixemos, porém, de parte esse fato. Exige o jornalista-acadêmico uma expressa manifestação do eleitorado, o que somente se pode entender manifestação com perfeito conhecimento de causa. Não saberá o povo brasileiro que é o presidencialismo, há mais de sessenta anos instituído no Brasil? Sabe; sabe até demais. Do parlamentarismo, porém, não tem êle, nem pode ter o mesmo conhecimento, embora venha a matéria sendo discutida desde a última Assembléia Constituinte, isto é, há mais de sete anos. O presidencialismo é a dura realidade que êle não escolheu, mas lhe foi imposta por uma revolução militar; o parlamentarismo, que alguns presidencialistas lhe apresentam caluniado e deformado, como ser uma alentadora esperança, é um sistema de que não tem conhecimento direto, já que extintas se acham as gerações que o praticaram no Império. Mister se faz, portanto, que o povo brasileiro conheça tão positivamente o parlamentarismo, como por sua desgraça conhece o presidencialismo, para que possa ter lugar a opção, com tão estranhável zelo democrático reclamada pelo sr. Austregésilo de Athayde.

Dê-se êle ao trabalho de ler a emenda (coisa que nunca fez) e lá encontrará o seguinte: «Dentro do prazo de dez anos de promulgada esta Emenda, a Câmara e o Senado constituirão uma comissão mista de dez membros para opinar sobre a conveniência de modificar-se o regime constitucional vigente».

Fica assim, irrefutavelmente demonstrado que os parlamentaristas nada pretendem impôr à Nação e apenas desejam que ela decida com perfeito conhecimento de causa. Já o mesmo não se poderá dizer de certos presidencialistas, mais preocupados com os seus escusos interesses, do que com a democracia e o bem comum.